

GÊNEROS INTRODUTÓRIOS MEDIADOS PELA WEB: O CASO DA HOMEPAGE

Benedito Gomes Bezerra - (STBNB)
beneditobezerra@hotmail.com

RESUMO: *Discute-se a homepage como gênero introdutório virtual, seguindo-se a metodologia da análise de gêneros baseada em Swales (1990). O trabalho procura contribuir para uma melhor compreensão do conceito de gêneros introdutórios e da homepage como gênero representativo dos eventos comunicativos possibilitados pela internet.*

PALAVRAS-CHAVES: Gêneros introdutórios; homepage; gêneros da web.

ABSTRACT: *The work discusses the homepage as an introductory genre mediated by the web, based on genre analysis methodology established mainly by Swales (1990). The work is an attempt to contribute for a clearer comprehension of the concept of introductory genres, and of the homepage as a representative of the diverse communicative events made possible by the internet..*

KEY-WORDS: introductory genres; homepage; web genres.

1 Preliminares

Gêneros introdutórios, definidos brevemente, são gêneros que introduzem ou apresentam outros gêneros. Na literatura da área, o termo gêneros introdutórios tem sido aplicado essencialmente a textos impressos convencionais. É fácil constatar que a pesquisa de gêneros tem privilegiado largamente o estudo dessa modalidade de texto, dando uma atenção menor aos gêneros da oralidade e especialmente aos gêneros mediados pela rede mundial de computadores, que por vezes se situam em algum ponto entre a escrita e a oralidade, ora incorporando, ora transmutando as características dos modos textuais clássicos.

No presente trabalho, partimos dos conceitos originalmente aplicados à análise convencional de textos escritos impressos para focar de maneira especial os gêneros textuais mediados pela web (representados aqui pela homepage) e que se apresentam associados ao propósito comunicativo geral de “introduzir” ou apresentar outros gêneros, conforme os aportes do lingüista indiano Vijay Bhatia (BHATIA, 2004). De modo mais amplo, os pressupostos teóricos para a análise se assentam na pesquisa de gêneros associada a Swales (1990, 2004).

2 Os gêneros introdutórios

Por gêneros introdutórios, em um sentido amplo, designo os gêneros textuais que, no corpo físico ou virtual de um determinado suporte, usualmente se agregam ao gênero ou gêneros principais como uma proposta de leitura prévia, em termos de orientação, síntese ou convite à leitura dos gêneros que são “introduzidos”. Em matéria de textos convencionais, os gêneros introdutórios encontram o seu lugar, por exemplo, em livros acadêmicos, bem como em revistas científicas ou ainda em dissertações de

mestrado ou teses de doutorado (BEZERRA, 2004). Conforme Bhatia (2004), são gêneros que, em um nível mais elevado de generalização, identificam-se basicamente pelo propósito comunicativo comum de *introduzir uma obra acadêmica*, seja ela um livro, uma monografia ou uma revista científica. Incluem-se aí gêneros tais como *introduções, prefácios, prólogos e apresentações*.

Apesar da contribuição de Bhatia (2004) e de alguns outros autores (minha própria pesquisa de doutorado, em andamento, tenta ampliar essa contribuição) no que diz respeito à análise de gêneros introdutórios agregados ao livro acadêmico convencional, impresso, constata-se ainda uma considerável lacuna na investigação desses mesmos gêneros em sua modalidade eletrônica. O presente trabalho pretende contribuir para preencher essa lacuna.

3 O surgimento da homepage como gênero

De acordo com Askehave e Nielsen (2004), a homepage, entendida como a página inicial do site, pode ser caracterizada como um gênero “*web-generated*”, isto é, trata-se de um gênero que surge com o advento da rede www e que não possui paralelo direto fora dela, ao contrário de muitos outros textos veiculados pela internet. Para as autoras, uma boa razão para se estudar a homepage é o fato de ela se encontrar “entre os primeiros textos gerados pela web a alcançar o status de gênero, o que significa que a forma e o conteúdo da homepage agora estão se tornando convencionados, após mais de 10 anos de ‘anarquia retórica’” (ASKEHAVE e NIELSEN, 2004, p. 2).

De toda forma, segundo a compreensão de Marcuschi (2002), são as inovações culturais e o uso de novas tecnologias, determinantes de novas formas de interação social, que em última análise desencadeiam a transformação de gêneros antigos e o surgimento de novos, dificilmente criados *ex nihilo*: “Seguramente, esses novos gêneros não são inovações absolutas, quais criações *ab ovo*, sem uma ancoragem em outros gêneros já existentes” (p. 20). Uma implicação disso, relacionada com a natureza dinâmica dos gêneros, é a própria evolução e processo de amadurecimento por que passam. Ainda para Askehave e Nielsen, “os gêneros passam por mudanças constantes porque os usuários continuamente os modelam para melhor atender a suas necessidades” (2004, p. 7). Entretanto, a despeito de sua dinamicidade, a homepage como exemplar de gênero textual também tendeu para uma certa padronização, motivada por dois tipos de práticas desenvolvidas por seus usuários. Primeiramente, o fato de que web designers, ao construir sua própria homepage, de forma consciente ou inconsciente adotaram outras homepages como modelo. Em segundo lugar, esses mesmos designers passaram a se utilizar de livros e cursos sobre a construção de homepages disponíveis no mercado. A soma disso tudo é a aparentemente paradoxal combinação entre dinamicidade e padronização na construção do gênero.

4 A homepage como gênero introdutório

Segundo Askehave e Nielsen (2004), a homepage executa duas funções principais: “Primeiro, ela introduz o usuário ao conteúdo geral do site [...] Segundo, funciona como a porta de entrada oficial para o

website” (p. 9). As autoras descrevem essa dupla função através de uma metáfora: a homepage é uma porta de entrada com um letreiro afixado. Enquanto a porta dá acesso à casa, o letreiro indica o nome dos moradores, ou seja, o “conteúdo” da casa.

Embora uma história do uso dos gêneros introdutórios jamais tenha sido escrita, é possível vislumbrar que esses gêneros perpassam as diversas estratégias comunicativas criadas e praticadas pelo ser humano, da oralidade à escrita e ao domínio da comunicação eletrônica via rede internet. Assim, a homepage, embora seja um gênero novo, não deixa de ter suas raízes em gêneros mais antigos. Ainda de acordo com Askehave e Nielsen (2004), a homepage teria antecedentes claros em certos gêneros promocionais ou jornalísticos tais como o exórdio e a primeira página de jornal. O exórdio, um gênero da retórica clássica, consistia em um texto promocional que introduzia o discurso oral, indicando seu conteúdo e estrutura e, ao mesmo tempo, servia como um “aperitivo” que identificava e promovia o falante e seu discurso. Para as autoras, uma forma de transmutação do exórdio através dos tempos seria, no domínio da escrita, exatamente o surgimento de “um amplo leque de gêneros promocionais/introdutórios tais como *prefácios, introduções e apresentações*” (ASKEHAVE e NIELSEN, 2004, p. 10).

Um outro gênero com o qual a homepage revela uma certa relação de continuidade seria a primeira página de jornal. Semelhantemente ao exórdio, a primeira página indica e promove o conteúdo do jornal. Em relação à homepage, a primeira página de jornal se assemelha não só nos propósitos, mas também com respeito a “elementos de conteúdo, forma e leiaute” (ASKEHAVE e NIELSEN, 2004, p. 10). Conforme as autoras, os seguintes elementos discursivos podem ser encontrados tanto em homepages como na primeira página de jornal: sumários, palavras-chaves, manchetes atrativas, índices, quadros, fotografias e valores informativos relacionados com a localização dos elementos.

Portanto, embora a homepage possa ser apresentada como um novo gênero, isso não impede que ela compartilhe várias de suas características com gêneros já existentes na modalidade oral e impressa. No entanto, o fato de que a homepage surge atrelada a um novo *medium* lhe confere um aspecto distintivo em relação aos demais gêneros:

Como *meio*, a *www* confere propriedades singulares à homepage como *gênero*, e essa coexistência entre gênero e meio, que parece ter sido ignorada pela teoria tradicional de gêneros, é fundamental para a comunicação através da web e não deve ser desprezada ao se tentar descrever as características genéricas da homepage (ASKEHAVE e NIELSEN, 2004, p. 11).

5 A rede *www* como meio

Uma discussão detalhada sobre a natureza da relação entre a homepage como gênero e a rede de computadores como meio poderia envolver ainda outros importantes conceitos, como, por exemplo, a noção de suporte (MARCUSCHI, 2003; BEZERRA, 2003). Entretanto, aqui cabe apenas destacar que a estreita relação entre o meio *www* e os gêneros mediados por ele. Para Askehave e Nielsen (2004), a

web não deveria ser vista apenas como um importante traço contextual dos gêneros da internet, mas como parte integrante desses gêneros. Embora muitos gêneros tenham uma existência autônoma fora da rede (artigos científicos, por exemplo), “o meio acrescenta aos gêneros da web propriedades singulares em termos de produção, função e recepção” (p. 11).

Dada a proximidade dessa relação, os textos virtuais assumem certas características especiais, bastante acentuadas pelo meio ao qual estão conectados. Para Askehave e Nielsen (2004), as principais características dos textos virtuais são sua *intertextualidade*, *alcance global* e *imaterialidade*. Além disso, uma vez que cada usuário da rede acessa os textos de um modo particular, explorando os recursos próprios do hipertexto (links), os papéis de autor e leitor também diferem bastante em relação aos papéis convencionais.

Duas outras características da web também influenciam decisivamente a natureza dos textos mediados pela internet: a acentuada *multimodalidade* (KRESS, 1999) desses textos e o uso do *hipertexto*. Um texto da web pode estar associado simultaneamente a *sons* e *imagens* como parte de suas estratégias retóricas. O hipertexto permite relacionar o texto da web a outros textos, possibilitando uma transmissão não-linear da informação. A possibilidade que tem o leitor de escolher o próprio “caminho” de leitura, através dos links, virtualmente leva à criação de um texto “próprio” que impossibilita uma clara distinção entre autor e leitor. Esse olhar para o hipertexto, do ponto de vista do processo de leitura, pode ser mais produtivo que uma descrição *estrutural* do hipertexto como “sistema textual não-sequencial” (ASKEHAVE e NIELSEN, 2004, p. 14).

6 A homepage: leitura e hipertexto

Comumente se argumenta que a leitura no hipertexto se diferencia da leitura “tradicional” principalmente no que diz respeito à não-linearidade da primeira. Entretanto, hoje parece mais claro que o conceito de *hiperleitura* (SOSNOSKI, 1999), em que o leitor “folheia” e seleciona partes específicas do texto para concentrar sua atenção, não tem que necessariamente ser considerado um novo método de leitura gerado pela rede internet. Finnemann (1999) argumenta que também na leitura de textos tradicionais nós empregamos as técnicas de varredura e fragmentação da informação, isto é, também aí se executa uma leitura não-linear. Por outro lado, também a leitura de textos da web pode ser considerada linear, uma vez que o leitor não pode se conectar a vários links de uma só vez, mas deve percorrê-los um de cada vez.

Abandonando a dicotomia linear x não-linear, Finnemann (1999) sugere que o hipertexto de fato ativa pelo menos dois diferentes *modos* de leitura: a “leitura como tal”, ou “modo de leitura” e o “modo de navegação”. O “modo de leitura” basicamente corresponderia à leitura tradicional, independentemente de se considerar essa leitura como estritamente linear ou não. Já o “modo de navegação” consistiria no caminho que o leitor percorre pelo site, construindo sua própria estratégia de leitura. O usuário da web, assim, ativa dois diferentes procedimentos cognitivos quando passa do modo de leitura para o modo de

navegação, e vice-versa. Para Askehave e Nielsen, o conceito de alternância entre modos de leitura no hipertexto traz uma importante contribuição para a teoria tradicional de gêneros (leia-se a teoria de gêneros associada a Swales (1990)), contribuindo para seu refinamento no trato com os gêneros da web, a partir da concepção destes como “documentos bidimensionais” (ASKEHAVE e NIELSEN, 2004, p. 17).

A análise das propriedades dos gêneros da web, dessa forma, passa não só pelos procedimentos da teoria convencionais de gêneros baseada em Swales (1990), em que se destaca a atenção aos propósitos comunicativos, *moves* e estratégias retóricas (modo de leitura), mas também por uma caracterização do meio *www* em termos de propósito comunicativo, links e estratégias retóricas (modo de navegação). O modelo de análise é ilustrado na Figura 1 abaixo:

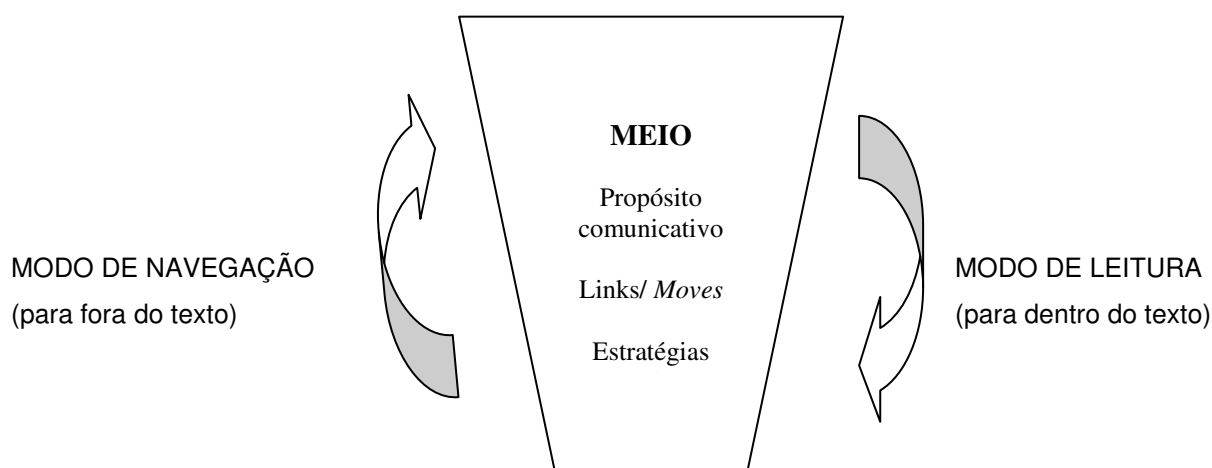


Figura 1: Modelo bidimensional de gêneros (ASKEHAVE e NIELSEN, 2004, p. 17)

7 Análise da homepage como gênero introdutório

A partir do modelo bidimensional de análise proposto por Askehave e Nielsen (2004), o estudo da homepage como gênero introdutório observa os seguintes procedimentos: (1) análise do propósito comunicativo da homepage, tanto no modo de leitura, em que a homepage é encarada essencialmente como texto, como no modo de navegação, em que a homepage é encarada como um *meio* (porta de entrada); (2) análise das “unidades funcionais” (*moves* no modo de leitura e links no modo de navegação) utilizadas para realizar os propósitos comunicativos; e (3) análise das estratégias retóricas usadas para realizar os *moves* e links. Como se pode observar, a análise dos links como correspondente dos *moves* no modo de navegação é a principal contribuição dessa proposta ao modelo tradicional associado a Swales (1990).

7.1 Análise do propósito comunicativo

Ao chegar diante de uma homepage, presumivelmente o usuário da web espera obter ali alguma informação sobre o conteúdo do site. Ao condensar as informações essenciais de modo acessível, a homepage procura assistir ao usuário em sua busca. Em geral, a homepage oferece uma seleção de tópicos do site, condensada em categorias como “ajuda”, “início”, “notícias” e “fale conosco” ou através de breves sumários (especialmente relacionados com notícias). Dessa forma, o propósito comunicativo primário da homepage no *modo de leitura* seria *introduzir/apresentar o site*. Outros propósitos, no entanto, podem estar explícita ou implicitamente presentes: *criar ou consolidar a imagem do proprietário do site; apresentar notícias (locais ou não)*.

O primeiro desses propósitos pode estar associado àquilo que Bhatia (2004) chama de “intenções particulares” dos criadores da homepage. Essas “intenções”, que não devem ser vistas essencialmente como uma realidade subjetiva ou psicológica, fazem parte das próprias credenciais da empresa ou pessoa a que pertence o site. Noutras palavras, a aparência e os recursos de mídia presentes no site, por exemplo, dizem muito sobre o seu proprietário. O propósito da homepage não é apenas informativo. Quanto ao segundo propósito, a presença de notícias no site parece caracterizar a homepage em geral como um gênero de natureza parcialmente jornalística.

No *modo de navegação*, o propósito central da homepage seria *possibilitar o acesso ao website*, agindo como uma espécie de “meio de transporte” (ASKEHAVE e NIELSEN, 2004, p. 21) que permite ao leitor passear pelo website, mudando de uma página para outra. Neste caso, ao contrário do propósito comunicativo do texto convencional ou do texto da web no modo de leitura, o propósito comunicativo do gênero da web no modo de navegação é permanente, não variando em decorrência da diferença de gêneros. Assim, a análise do propósito comunicativo, nessa versão da teoria de origem swalesiana, corresponderia ao seguinte quadro:

MODO	LEITURA		NAVEGAÇÃO
Propósito central	Introduzir/apresentar o site		Possibilitar o acesso ao site
Propósitos secundários	Consolidar/criar uma imagem	Apresentar notícias	

Figura 2: Propósito comunicativo da homepage

7.2 Análise de *moves* e links na homepage

A partir do modelo de análise apresentado por Swales (1990), Askehave e Nielsen (2004) propõem que a homepage se caracteriza pelos seguintes *moves* no modo de leitura:

- *Atrair a atenção* – o objetivo é chamar a atenção do leitor ao entrar na homepage.
- *Saudação* – de acordo com a metáfora da porta, o propósito é criar uma sensação de boas-vindas.

- *Identificação do proprietário* – orienta o usuário sobre seus próprios interesses na web, bem como contribui para a consolidação da imagem do proprietário, podendo ser realizada através de um logotipo.
- *Indicação do conteúdo* – normalmente corresponde ao *menu principal* e é uma das características centrais da homepage.
- *Detalhamento (selecionado) do conteúdo* – provê informação mais detalhada sobre alguns tópicos listados ou não no menu principal, através de breves sumários ou *leads*.
- *Estabelecimento de credenciais* – procura estabelecer uma imagem confiável do proprietário do site.
- *Estabelecimento de contato* – possibilita que o leitor entre em contato com o proprietário.
- *Estabelecimento da comunidade (discursiva)* – permite que usuários freqüentes criem uma relação de pertencimento com o website, geralmente através de uma identificação e senha para login.
- *Promoção de outras organizações* – promove outras companhias ou produtos, geralmente através de anúncios sob a forma de banners.

É importante notar que essa estrutura de *moves* de forma alguma é obrigatória ou padronizada, quer seja quanto à ordem das unidades, ou quanto à sua recorrência. Conforme Askehave e Nielsen, pode-se apenas constatar “uma vaga tendência para uma organização textual semelhante àquela da primeira página de jornais” (2004, p. 24). A seqüência dos *moves* não é relevante, até porque o leitor no modo de navegação não se prende a uma seqüência preestabelecida.

Como posto acima, o propósito comunicativo da homepage no modo de navegação não é realizado por *moves*, e sim por *hiperlinks* que relacionam entre si as porções textuais presentes no site. Como tais, os hiperlinks não são atributos específicos da homepage, mas características da web em geral. Como unidade funcional, o link relaciona um texto A (nódulo) a um texto B (âncora), estabelecendo uma conexão semântica entre eles. Para a análise do texto A, ponto de partida propriamente identificado com o link, Askehave e Nielsen (2004) propõem uma dupla categorização em *links genéricos* e *links específicos*.

Os links genéricos, que dão acesso aos principais tópicos do site, em geral se localizam na parte superior da homepage, como no exemplo abaixo, retirado de www.ufpe.br:




Essa localização confere ao link genérico uma posição saliente em relação ao restante das informações na página. Essa posição é ainda salientada pelo caráter estático desses links, que acabam funcionando com uma espécie de barra de navegação sempre visível. Ao lado desse conjunto de links no topo da página, a homepage pode ainda apresentar menus complementares à direita ou à esquerda da página, como acontece ainda em www.ufpe.br:



Como tais, os links genéricos são vazios de conteúdo, que é preenchido pelo texto ao qual eles remetem (texto B). De natureza descritiva, o link genérico freqüentemente assume, no aspecto lingüístico, a forma de um sintagma nominal. Quando é acompanhado por um texto, este contém informação metadiscursiva sobre a navegação no site, e não sobre o tópico, como no exemplo abaixo de www.batistabultrins.org.br:

Saiba mais sobre o [III FÓRUM](#)

Porém, mais do que simplesmente oferecer um sumário do conteúdo do site, a homepage também pretende despertar o interesse do leitor, levando-o a penetrar em seu interior. Com este propósito, os *links específicos* (texto A) funcionam como um “aperitivo” ou antecipação do conteúdo do texto B, situado no interior do site. Ao contrário dos links genéricos, os links específicos não só introduzem o tópico, mas antecipam uma informação parcial sobre ele, deixando por conta do leitor a decisão de acessar ou não a informação completa através do hiperlink. São links muito mais dinâmicos, sujeitos a atualização constante em oposição tanto aos links genéricos como ao texto impresso convencional. O seguinte exemplo de link específico foi colhido no site da Biblioteca nacional (www.bn.br):

Exposição: A arte preciosa das encadernações artesanais da Divisão de Obras Raras
Como uma "caixa costurada no livro", a encadernação surgiu no início da Era Comum...
 Saiba Mais

A informação dada introduz uma seqüência narrativa cujo conteúdo completo só será conhecido se o leitor seguir a sugestão do objeto clicável (“saiba mais”) que constitui o link propriamente dito.

Conforme Askehave e Nielsen (2004), enquanto os links genéricos são realizados essencialmente através de seqüências descritivas, os links específicos são mais versáteis, podendo se apresentar por meio de seqüências descritivas, expositivas, narrativas, argumentativas, explicativas ou dialogais. Entretanto, como o propósito da homepage essencialmente é introduzir o site, em geral se verifica uma presença maior dos links genéricos em contraposição aos específicos.

7.3 Análise de estratégias retóricas na homepage

Uma vez que a análise do conjunto de estratégias retóricas que podem ser empregadas para realizar *moves* e links envolveria muito mais espaço do que o disponível aqui, limito-me a alguns exemplos, replicando em língua portuguesa os procedimentos adotados por Askehave e Nielsen (2004), como de resto já tenho feito no decorrer deste trabalho. Para a análise das estratégias retóricas no *modo de leitura*, exemplificarei com os *moves* “atrair a atenção” e “identificação do proprietário”.

A unidade retórica “atrair a atenção” normalmente é realizada por uma combinação de recursos visuais, auditivos e audiovisuais. Elementos verbais comuns são expressões como “novidade” ou “destaque”, ao lado de recursos gráficos, como encontrado em www.bn.br:





Testamento de Judas...

O *move* “identificação do proprietário” pode ser realizado por um logotipo e reforçado pelo uso de cores características do proprietário do site. É o que acontece com times de futebol, por exemplo, em que a identificação por cores é muito forte. O exemplo seguinte é de www.nauticonews.com.br:



Conforme Askehave e Nielsen (2004), no *modo de navegação*, a realização “externa” dos links se dá quase exclusivamente por estratégias visuais, implícitas ou explícitas. A estratégia é implícita quando o link se revela apenas quando o cursor/mouse se transforma, em um determinado ponto, no símbolo característico da mão apontando. Além disso, esse tipo de link pode se revelar pela alteração de cores, forma de letras ou outros recursos visuais. A realização continua sendo implícita porque o link só se revela pelo movimento do cursor através do texto.

Com o objetivo de prover uma navegação mais amigável, os websites normalmente apresentam recursos explícitos de indicação dos links. Algumas estratégias comuns são ícones como  , representando o link para a homepage, ou  para indicar um recurso de busca. Outras estratégias

comuns de realização dos links são o sublinhado, a alteração (sempre visível) da cor do texto ou o metatexto (“saiba mais”).

8 Conclusões

Uma caracterização mais rigorosa dos gêneros da web ainda está por ser feita. O presente trabalho pretendeu apenas apontar para uma descrição da homepage como gênero, em primeiro lugar, e especificamente como gênero *introdutório*. O trabalho mostra que a teoria de gêneros, tendo sido aplicada quase exclusivamente a textos convencionais, provavelmente precisa de uma atualização e modificação para dar conta dos novos gêneros da rede mundial de computadores.

Trata-se de um terreno em que muito ainda está por se explorar. Sendo a diversidade e variedade alguns dos traços mais óbvios na construção de homepages e sites em geral, é evidente que procedimentos investigativos mais amplos e exaustivos precisam ser aplicados para que se possa chegar a conclusões mais claras e consistentes. No presente trabalho, apenas procurei ensaiar um primeiro passo em direção a isso.

REFERÊNCIAS

ASKEHAVE, Inger; NIELSEN, Anne Ellerup. Web-mediated genres: a challenge to traditional genre theory. **Working Papers**, n. 6, p. 1-50, 2004.

BEZERRA, Benedito G. Livro didático e livro acadêmico como suportes de gêneros textuais. Comunicação apresentada no II ECLAE. João Pessoa: UFPB, 2003. Inédito.

_____. Gêneros introdutórios: aspectos de sua constituição, identificação e nomeação. Comunicação apresentada na XX Jornada Nacional de Estudos Lingüísticos (GELNE). João Pessoa: UFPB, 2004. Inédito.

BHATIA, Vijay. **Worlds of written discourse**: a genre-based view. London: Continuum, 2004.

FINNEMANN, N. O. Hypertext and the representational capacities of the binary alphabet. Disponível em: <www.hum.au.dk/ckultur/f/pages/publications/nof/hypertext.htm>. Acesso em: 30 set. 2005.

KRESS, Gunther. Multimodality. In: COPE, Bill; KALANTZIS, Mary (Ed.) **Multiliteracies**: literacy learning and the design of social futures. London/New York: Routledge, 1999. p. 182-202.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

_____. A questão do suporte dos gêneros textuais. **DLCV**: Língua, Lingüística e Literatura, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 9-40, out. 2003.

SOSNOSKI, J. Configuring a mode of rhetorical analysis. In: JONES, S. (ed.) **Doing internet research**. London: Sage, 1999.

SWALES, J. **Genre analysis**: English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

_____. **Research genres**: exploration and applications. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.